

As palavras voam, a escrita permanece: a aventura do hipertexto [1]

Flying words, permanence of writing: adventure of hypertext

por [Aldo de Albuquerque Barreto](#)

Resumo: *Hipertextualizar* é uma forma muito racional de apresentar a informação que mostra como a nossa mente processa, organiza e guarda conhecimento. Cria um espaço de informação orgânico, quando oposto ao formato linear imposto pelo modelo da imprensa permitindo amarrações múltiplas. As novas tecnologias da informação são relacionadas com a criação da informação; o ato de criar a informação no computador é marcado pela convivência com os evanescentes pixels de fósforo em uma tela de raios catodos e é tamanha a impermanência do texto nesta criação que poderíamos comparar com o processo de composição que opera no pensamento do indivíduo gerador. A informação no texto linear reduz a incerteza pontual tal como quando um diz vou com a doçura o outro pode de imediato querer encontrar a criatura nesta colocação unidimensional das palavras; o hipertexto com sua trajetória vagante e livre cria incertezas, pois textos entrelaçados e direcionados ao infinito não respondem, apontam, e o fazem sem uma definição estrita, sem linhas formais, cores ou formas previamente pensadas. Não tem mesmo uma única realidade por norma ou forma. Pode ser um percurso de passos delirantes, sem destino certo ou explicações fáceis; um percorrer de labirintos de medusas entrelaçadas.

Palavras-chave: Informação; Conhecimento; Texto Linear; Hipertexto; Novas Tecnologias.

Abstract: Writing in hypertext is a very rational form to present the information as it shows how our mind processes, organizes and keeps knowledge. It creates a different space when opposing information in the linear format. The act of creating information using computers is so impermanent as the process of thinking itself. The information in the linear text reduces the prompt uncertainty such as when one says: I go with the sweetness the other can immediately want to find the creature in this unidirectional rank of the words; hypertext with its trajectory creates uncertainties, they do not answer; they point and they make it without a strict definition, without formal lines, colors or forms previously thought. It does not have only one reality for norm or form. It can be a passage of delirious steps without an exact destination or easy explanations.

Keywords: Information; Knowledge; Linear Text; Hypertext; New Technologies.

*O todo sem a parte não é todo,
A parte sem o todo não é parte,
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
Não se diga, que é parte sendo todo.*

Gregório de Matos [2]

Introdução

O termo *docuverse* foi criado por Ted Nelson [3] para descrever uma biblioteca eletrônica global de documentos interconectados, uma meta para reunir todos os documentos do mundo. O modelo do *docuverse* manifesta-se na Rede Internet, pois esta se espalha por todo o globo, interligando milhões de documentos. O subjacente paradigma do hipertexto e os protocolos de localização de textos tornaram o *Docuverse-Rede* tecnicamente possível, na *Word Wide Web*.

O hipertexto permite a qualquer pessoa estabelecer laços com outros textos fora do documento original. O sistema de hipertexto permite que tal se faça, através do protocolo do Universal Resource Locator (URL). Este protocolo permite a qualquer um estabelecer um *link* a qualquer documento acessível ao público, num qualquer arquivo da Internet.

Em um nível mais pessoal, qualquer autor pode criar a sua própria meta de documentos através da ligação a outros documentos relevantes ou redirecioná-los para fragmentos no seu próprio texto. Os caminhos do hipertexto, utilizando a liberdade da Internet, estão livres das amarras do direito autoral pois o *link* hipertextual é mais uma ligação de referência do que uma citação de

conteúdo.

O hipertexto, como um paradigma chave fundacional da Rede, é o que fornece o seu poder e o seu potencial. A sua natureza é não linear, não hierárquica, sem fronteiras. Ainda que Vannevar Bush e Ted Nelson sejam comumente vistos, respectivamente, como pais do hipertexto, o conceito já era utilizado na literatura antiga, como no Talmude; com o seu comentário no comentário do texto principal, e as suas anotações e referências a outras passagens, dentro do próprio Talmude, e, fora dele, na Torah e no Tenach [4].

Hipertextualizar é uma forma muito biológica de apresentar a informação e que mostra como a nossa mente processa, organiza e guarda informação. Cria um espaço de informação orgânico, oposto ao formato linear artificial, imposto pelo modelo da imprensa.

Vannevar Bush é, para muitos, o precursor do hipertexto. Em 1945 escreveu um artigo intitulado "As We May Think", no qual descrevia uma forma para aumentar a memória humana fornecendo meios para organizar a informação associadamente, da forma como nos pensamos e como se formam os elos de um hipertexto. Bush entendia que a mente trabalhava por associação de conceitos, criando uma intrincada rede de vias, interconectando as memórias e os dados nela armazenados. Portanto, sentiu que o melhor desenho para organizar, mecanicamente, a informação deveria incorporar essa associação.

O Memex, seu instrumento de arquivo e recuperação, deveria também permitir ao utilizador tomar nota de cada pedaço de informação, entrar com a sua própria informação e ligá-la a uma rede de documentos texto, figuras e sons indexados e recuperados através de conceitos interligados. O Memex nunca foi construído, ainda que Bush o considerasse como um produto da extensão de tecnologias existentes em 1945. No entanto, os conceitos a ele subjacentes inspiraram outros visionários, como Douglas Engelbart e Ted Nelson [3].

O hipertexto é, pois, um sistema de representação de informação, que fornece *network* semântico não linear e de múltiplos caminhos, e experiências da informação. Assim, para implementar o hipertexto, é crucial dispor de um ambiente navegacional. Relacionado à condição de passagens, está o grau de controle que o autor dá ao leitor e a integração da informação na Rede como um todo. É uma escrita que cria espaços de informação multidimensionais e sem fronteiras. Os espaços de informação podem ser, portanto, partes de espaços maiores até chegamos ao ciberespaço como um todo. Antes da Internet, os espaços de informação eram ilhas isoladas; agora parte de um todo integrado.

Textos que se cruzam

"Textos Paralelos" conceito que Ted Nelson adicionou ao Projeto Xanadu permitia criar *links* entre documentos. Como Nelson indicou: "No sistema de Bush o usuário não tinha escolhas ao se mover em uma seqüência de itens exceto em uma intercessão de caminhos" ². O sistema de Nelson dava ao usuário uma flexibilidade maior. As linhas paralelas que mostravam a seqüência entre dois documentos, textos paralelos, eram mostradas na tela para o usuário do sistema de Nelson. Apesar do desenvolvimento operacional, Nelson, ao citar Bush, indica o ponto de partida.

Mas antes em 1934, Paul Otlet, preocupado com o fato de que a informação organizada deveria retornar a sociedade, escreveu o *Traité de documentation*. (Brussels, 1934) [5]. Seus trabalhos com Henri-Marie Lafontaine, permitiram a Classificação Decimal Universal (UDC) e tantos conceitos teóricos, que hoje são estudados, também, como o sonho de uma escrita universal permanente, um sonho hipertextual. A pergunta da atualidade é: como acontecerá no futuro próximo o ato de escrever, o ato de ler, a assimilação cognitiva da informação? Qual estrutura será utilizada para uma maior e melhor associação e elaboração da informação pelo receptor: o texto ou o hipertexto?

Todas estas interações textuais trabalham em um sistema do hiperfídia; hipertexto é um termo criado por Ted Nelson em torno de 1965. Hiperfídia é uma arquitetura de ligações em nó, sendo estes nós paginas texto da web ou outros meios, tais como vídeo, áudio, e imagens e as ligações conectam todas estas mídias através de um modelo padrão de associação. A *World Wide Web* contem um grupo de protocolos que permitem seu funcionamento. O primeiro destes é *HTTP: Hypertext Transfer Protocol*. Este protocolo é usado para geradores e por usuários da rede entrar em comunicação. O segundo protocolo o *HTML: Hypertext Markup Language*. Esta linguagem especifica o formato do documento e permite que diferentes usuários inscrevam o seu texto em um mesmo código. Permite, também, que um projetista desenhe suas URLs. O terceiro protocolo da rede é o *URL: Uniform Resource Locator*. Este protocolo indica a localização do arquivo que esta sendo desejado pelo usuário

Os textos paralelos de Nelson dos anos 1970 eram originais porque permitiam que um usuário criasse as ligações entre documentos, mesmo se esses não fossem relacionados. Nelson propôs também, uma rede da transmissão, através da qual os usuários e as bibliotecas trocariam escritos e informação. As idéias de Nelsons eram revolucionárias e adiantadas para a época.

Acredito que o futuro da ciência da informação e da comunicação dependem de como será a articulação para inserção dessas novas tecnologias do texto no agir cotidiano. As tecnologias da informação e da comunicação com elevado teor de inovação e convencimento estão, definitivamente inseridas, no contexto das duas áreas, hoje tão dependentes que poderíamos afirmar que o futuro se anuncia no presente. As mudanças na tecnologia, ocorridas durante os últimos anos, reorganizam setores de atividades e as práticas associadas ao próprio pensar da informação e da comunicação, pois o modelo tecnológico inovador é fechado e induz a um distanciamento alienante de como ele opera ou se opera no melhor sentido. Se o discurso da ciência traz uma promessa de verdade, o da tecnologia traz uma promessa de felicidade, de melhoria das condições de vida para o homem, em sua ambiência quotidiana.

No caso das tecnologias de informação ou de comunicação, se o objetivo declarado é promover o acesso universal à informação e diminuir a inclusão social, este objetivo passa a ser uma decisão de status tecnológico da sociedade. Não é mais passível de dúvida ou contraposição. A autoridade tecnológica julga e condena quem quer criticar o conhecimento do processo em si. Se as suas conseqüências são definidas como benéficas para a sociedade não cabe mais crítica ao processo. Assim ocorre com as tecnologias da informação e comunicação, enunciadas sempre em conjunto e como uma única coisa, mas que, na verdade, são duas manifestações tecnológicas que operam em paralelo.

As novas tecnologias da informação estão relacionadas, por exemplo, com a criação da informação; o ato de criar a informação é hoje marcado pela convivência com os evanescentes pixels de fósforo em uma tela de raios catodos e é tamanha a impermanência do texto assim criado que poderíamos comparar com o processo de composição do texto que opera no pensamento criador do indivíduo gerador.

As estruturas da informação assumem novos contornos, como o hipertexto e as contornos da escrita multimídia com a possibilidade se ter no mesmo documento, texto, som e imagem na mesma base física. O fluxo de informação antes unidirecional e sucessivamente linear no desenvolvimento seqüencial de seus eventos, passa a ser multidimensional, sem uma ordenação obrigatória, impreciso e turvo quanto a uma rígida localização de seu foco ou centro.

O controle da linguagem com seus aparatos e idéias voltadas para a ocultação da mensagem, já não faz mais sentido. O processamento atual é na linguagem natural dos falantes e o receptor, antes um espectador no sistema de armazenamento e recuperação, agora participa no desenrolar do processo. Sem mediação ou intermediários, o usuário conduz o julgamento de suas necessidades informacionais e da relevância a elas associadas como se estivesse virtualmente habitando os espaços do arquivo.

Nas tecnologias da comunicação, a comunicação de meios intransitivos, aqueles sem resposta, foi assombrada pela interatividade e pela conectividade no acesso à informação. O meio não é mais a mensagem. A interatividade permite uma interação multitemporal com os fatos, idéias e ocorrências do cotidiano. O receptor da mensagem pode ir direto a sua fonte e lá, estabelecer um diálogo: fazer a sua mensagem individualizada e independente do canal formal.

Os intermediários das mensagens podem ser liberados, para um melhor fazer, como todos os demais intermediários da informação: o vendedor da loja, o atendente do banco, o professor em sala fixa e com idéias fixadas, os intermediários dos diferentes acervos documentais.

A conectividade na comunicação traz a vizinhança universal imediata. Tratar com a mesa ao lado pode ser tão eficiente e rápido quanto com meu colega de informação na China. Toda a relação espacial da comunicação se modifica e se liberta da forma. Estar em um determinado espaço comunicacional é uma decisão minha, que pode ser modificada na velocidade de um apertar de teclas.

A procura de um arcabouço teórico para a escrita em hipertexto

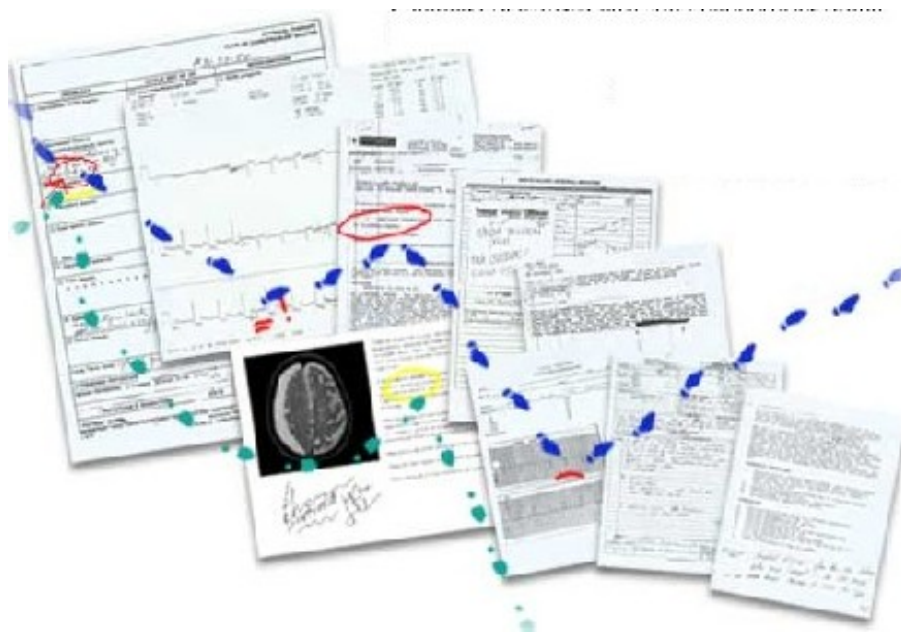
Tudo começou em 1945. Acabava a guerra e a informação mantida secreta naquele período seria colocada à disposição do mundo. Designado pelo Presidente Franklin Delano Roosevelt o Dr. Vannevar Bush, foi de 1938 a 1942 o responsável pelo Comitê Nacional de Pesquisa depois *Office for Scientific Reserach and Development*. A missão do Dr. Vannevar Bush foi congregar cientistas americanos e europeus para direcioná-los ao esforço de guerra aliado. Em 1945, Bush publicou "*As we may think*," [6], que trata do problema da informação e entaves que, haveria para organizar e repassar a sociedade à informação

mantida secretas durante a guerra. Vannevar Bush com a publicação do seu mencionado artigo e indicou uma mudança de paradigma para texto e sua tecnologia, ao introduzir a noção de associação de conceitos ou palavras na organização e recuperação da informação; este método seria o protótipo que o cérebro humano utilizaria para transformar informação em conhecimento dizia. Os processos da escrita deveriam ser operacionalizados, por associação de conceitos, "como nos pensamos". Bush propôs a construção do Memex um aparato tecnológico que armazenava e recuperava documentos através de associação de suas palavras no conteúdo.

A importância do artigo de Bush para o mundo do hipertexto é relatada em a *Cultura da Interface* [7]. Douglas Engelbart, uma das pessoas importantes da era digital recente por suas inúmeras contribuições em hardware e software, entre outras coisas, inventou o mouse que tirou o usuário de uma interface de teclado e o colocou virtualmente, na tela do computador. Pode-se dizer que interface contemporânea, começou quando Engelbart, no final da segunda guerra, aguardava no aeroporto sua volta para a América lendo o artigo de Bush no aeroporto. Iniciou-se uma obsessão de quase 20 anos até a apresentação [6] em 1968 no *Civic Auditorium* de São Francisco, USA do protótipo em madeira do mouse para o micro individual.

Em S/Z [7], Roland Barthes descreve uma textualidade ideal que muito se aproxima do que hoje chamamos hipertexto. Hipertexto é um meio de comunicar idéias que interliga informação verbal e não verbal. Um texto composto com escrita, imagens e som interligados eletronicamente por múltiplas pegadas de uma trilha; é em uma composição aberta, infinita e sempre em formação. Algumas idéias de Foucault, Levi-Straus e Derrida antecipam a hipertextualidade quando tratam da do texto e seu emaranhado de interligações a outros textos.

Figura 1 – As Pegadas de Hipertexto



Quando Barthes [8] nos fala da morte do autor descreve o leitor - o receptor da informação - como o lugar onde a multiplicidade do texto se reúne; ele é o espaço exato em que se inscrevem as indicações do texto. O leitor é um ser sem história, biografia ou psicologia; é apenas alguém que tem, reunidos em um mesmo campo, todos os traços de uma escrita. Assim ele nos indica, em sua síntese magnífica, as diferenças estruturais do texto e o lugar onde acontece o conhecimento do texto.

Um texto tradicional, linear tem começo meio e fim; é como o fio de Ariadne conduzindo em uma única direção. É um bem preso em um circuito de propriedades e de regras estritas sobre direitos, relações e benefícios do *pertencimento*.

O hipertexto representaria então a multiplicidade de textos em uma escritura não linear e sem ordem definida. Com o hipertexto morre não só o autor, o gerador, mas também a mediação que assegurava com sua ordem classificatória uma vizinhança: concomitante e com a homogeneidade de um domicílio certo.

A estrutura dos textos múltiplos forma uma rede, na qual cada ponto pode ter conexão com qualquer outro ponto. Não tem um

interior ou um exterior conhecido com a antecedência de um sumário; pode ser finito ou infinito e em ambos os casos, considerando que, cada um dos pontos de sua formação pode ser ligado a qualquer outro, o seu próprio processo de conexão é um contínuo processo de correção das conexões. É sempre ilimitado, pois a sua estrutura é sempre diferente da estrutura que era um momento antes para aquele receptor e aquele caminho e cada vez se pode percorrê-lo segundo linhas diferentes.

A informação no texto linear reduz a incerteza pontual tal como quando um diz vou com a doçura o outro pode de imediato querer encontrar a criatura na colocação unidimensional das palavras; o hipertexto com sua trajetória vagantemente livre cria incertezas, pois textos entrelaçados e direcionados ao infinito não respondem, apontam, mas sem uma definição estrita sem linhas formais, cores ou formas previamente pensadas. Não tem nem mesmo uma única realidade por norma ou forma. Pode ser um percurso de passos delirantes sem destino certo e explicações fáceis: é um percorrer de labirintos de medusas entrelaçadas.

Há que ter grandes asas quem ama os labirintos [9], pois se a informação é a mediadora do conhecimento em suas formas lineares sacralizadas, no hipertexto esta mediação se perde em potência de mosaico quando na condução do homem ao conhecimento. A apropriação esclarecedora prende os passos no fazer o traçado do caminho. O caminhar só prossegue se as pegadas anteriores foram apropriadas corretamente; nesse sentido o caminhante [10] não faz o caminho o caminhar é permitido pelo conhecer.

No hipertexto seremos sempre caminhantes em perigo de estarmos perdidos nos desvios do caminho, encantados mais pela ilusão do percorrer do que na ação do conhecer. Um hipertexto é então uma aventura que entrelaça coisas como: informação, conhecimento, labirintos, espelhos e medusas; um ritual de passagens múltiplas, atalhos e desvios em direção a uma construção individualizada de conhecimento.

É assim que, ainda inspirados por Barthes [11], alguns autores procuram explicar os locais de quebra para a partida de textos ou superposição de textos múltiplos. Em suas *Lexias* indicadas como os locais do texto em que o conteúdo das palavras entra em terremotos de significação; também apontadas como fragmentos do texto que caracterizam uma unidade de leitura, um corte completamente arbitrário sem qualquer responsabilidade metodológica. A *lexia* é o envelope de um volume semântico, a voz do texto tutor, a linha saliente de um texto plural. O texto tutor seja ele o primeiro ou um dos seus muitos elos será sempre quebrado, interrompido em total desrespeito por suas divisões naturais; *"o trabalho do "texto superposto", do momento que se subtrai toda a ideologia de totalidade consiste precisamente em maltratar o texto, em cortar-lhe a palavra"* [12].

Na análise de um texto o autor definiu cinco tipos de *lexias*: *lexias semânticas*, seriam as unidades de significação a qual a *lexia* nos remete para ampliação, reforço, extensão de uma idéia. É um elemento migrador e capaz de entrar em composição com outros elementos para formar atmosferas, personagens, símbolos; *lexia de antítese*, a região do texto com significados adversários; *lexia de ação* o resultado de ações de conduta comportamentais das atividades envolvidas no texto. A importância está rumo do discurso do texto e não na ação das coisas de que trata o texto; *lexias hermenêuticas* são conjuntos do texto que tem uma função de articular de diversas maneiras uma, idéia, uma pergunta sua resposta os acidentes no preparar a pergunta ou retardar a resposta ou formular um enigma; *lexia de referência*, as partes que denotam as ambiências culturais e específicas do texto analisado.

Idealizado por Barthes para analisar o discurso do texto o conjunto de *lexias* pode se transformar em um instrumental para qualificar os elos de um hipertexto. Quando textos se entrelaçam infinitamente a individualidade do texto tem uma grandeza do todo e do nada:

"Escrever é retirar-se. Não para a sua própria tenda para escrever, mas para a sua própria escritura. Cair longe da linguagem, emancipa-la ou desampará-la, deixa-la caminhar sozinha e desmunida. Abandonar a palavra. Ser poeta é abandonar a palavra. Deixa-la falar sozinha o que ela só pode fazer escrevendo. Abandonar a escritura é só lá estar para lhe dar passagem, para ser elemento diáfano de sua procissão: tudo e nada. Em relação a obra o escritor é ao mesmo tempo tudo e nada. Como Deus: tens aí a prova de sua onipotência; pois Ele é ao mesmo tempo o todo e o nada" (Derrida) [13]

A teoria da desconstrução de Derrida antecipa de muitos modos as modificações introduzidas pela escrita por computador. As configurações do texto de Derrida fazem lembrar um texto no espaço eletrônico. A desconstrução como escrita eletrônica mostra a transformação da linguagem escrita, a sua instabilidade e autoria incerta. Uma dispersão do indivíduo e uma interrupção da unidade e centralidade do texto.

A desconstrução teoriza práticas de escrita que antecipam o hipertexto. No que se refere à ligação imediata entre as partes e o

todo, traz uma modificação conceitual na transformação do texto com a impossibilidade de se ter um centro de significação. Em Gramatologia [14], Jacques Derrida fala da cultura do livro como sendo baseada no logocentrismo, na existência de um autor e um significado preexistentes à estrutura do texto, em um ponto central de significado. A organização linear do texto em um livro, por exemplo, convida a uma interpretação semelhante da realidade. Do começo ao fim, da esquerda para a direita, página a página. Para Derrida o digital modifica o texto para promover uma escrita virtual que é livre de todos os constrangimentos de clausura e da sucessividade [15].

"Os textos mais desobedientes no que diz respeito às normas da escrita linear, arrisquei-os bem antes do aparecimento do computador. Ser-me-ia mais fácil agora fazer esse trabalho de deslocação ou de invenção tipográfica, de enxertos, de inserções, de cortes e de colagens, mas nada disso me interessa muito, desse ponto de vista e dessa forma. Tudo isso foi feito e teorizado ontem. Hoje se tornou comum" [16]

A instantânea presença digital do texto tira da escrita a poética da rasura sobre o que Derrida afirma: "o texto fica instantaneamente objetivado e transmissível, pronto para publicação, ele é quase público e pronto para sair desde o momento da sua inscrição" [11]. É um outro regime de celebração da escrita, uma outra experiência de memória. É um jogo das intermediações criando uma teia de descentramentos, que não mostra claramente as novas condições da função do autor.

Michel Foucault concebe em seu livro *A Arqueologia do Saber* [15], o texto como uma rede formada por interconexões, onde as fronteiras não são nunca bem definidas, sendo captadas em um sistema de referências a outros livros, outros textos, outras frases formando um nó como em uma rede tipo sistema rizomático: "... a unidade material do volume não será uma unidade fraca, acessória em relação a unidade discursiva que lhe dá apoio? Por mais que o livro se apresente como um ele está preso a um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nós em uma rede" [17]. Em leitura anterior [18] indica como as coisa do saber, do discurso, do texto se assemelham em um número infinito de tramas semânticas que se entrecruzam, se imbricam, separam-se para reforço. Separa estas semelhanças em quatro essenciais: primeiro a *convenientia*. São convenientes os textos [19] que se aproximam, tocam-se em suas bordas, a extremidade de uma pode indicar o começo da outra. Como uma razão surda das idéias vizinhas é uma semelhança pela proximidade do tema. Na grande síntese do mundo os textos se aproximam pela conveniência [20]. A conveniência adiciona, explica, referencia conteúdos paralelos. A *segunda* forma de similitude aproximativa entre documentos que se cruzam é a *aemulatio* uma semelhança sem contato. Há na *emulação* [21] uma correspondência como o do reflexo no espelho quando textos dispersos pelo mundo e não vizinhos se reúnem. Textos podem encadear-se não pela vizinhança da similitude, mas pelo afastamento de seu reflexo no espelho. A *terceira* forma de similitude é a *analogia* [22]; o encadeamento próprio dos liames de ajustamentos e de juntura. O espaço da analogia é o espaço de irradiação. A *quarta* e última relação de destinação de textos relacionados seria a *simpatia*. A simpatia atua em estado livre para associações no infinito dos documentos. É uma similitude no sentir e no pensar que aproxima duas ou mais coisas *espontaneamente* atraídas entre si. Ligo o meu texto a outro por uma disposição favorável de difícil explicação racional. A simpatia transforma na direção do mesmo e se o seu poder não fosse contrabalanceado pela antipatia, o mundo se reduziria a um horrível ponto de mesmice.

Unindo-se as similitudes de Foucault com as Lexias de Barthes poderíamos iniciar uma articulação da composição do hipertexto com seus elos?

Quadro 1 - Hipertexto: Características e relações da fragmentação

TIPOLOGIA DOS ELOS NA AGREGAÇÃO	TIPOLOGIA PREDIMINANTE DAS RELAÇÕES DE BRICOLAGEM TEXTUAL	ESTRUTURA PREDOMINANTE NA CONEXÃO
---------------------------------	---	-----------------------------------

1. Conveniência	lexias semânticas (SEM) lexias de ação (ACT) lexias de referencia cultural (REF)	Saída para documentos sem um plano preconcebido. afastam-se dos processos e normas adotados pela técnica. Formam estrutura de textos acêntricos virtualmente agregados em uma rede de bricolagem de escrituras pré-elaboradas e já existentes.
2. Emulação	lexias semânticas lexias de antítese (A/B) lexias hermenêuticas (HER)	Idem, explicação de 1. Exemplifica as diversas maneiras de se colocar uma questão ou o olhar sobre um tema. A atração dos contrários e lugar da controvérsia.
3. Analogia	lexias semânticas lexias hermenêuticas lexias referencia cultural	Idem, explicação de 1. Semelhança funcional entre temas de diferentes estruturas semânticas. Não são idênticos nem diferentes, mas se assemelham e se correspondem sem ter o mesmo significado.
4. Simpatia	lexias semânticas lexias de ação lexias de referencia cultural	Idem, explicação de 1. A ação recíproca entre temas ou sua capacidade de influência mútua; textos com contágio emotivo, mas com o reconhecimento da alteridade dos seus componente significativos.

Fonte: Pesquisa do autor explicada no final deste trabalho. Esta tabela é somente uma proposição para reflexão. Não existe, ainda, qualquer comprovação quantitativa ou qualitativa de sua validade.

É importante indicar ainda, o pensamento das articulações dos Mitemas colocado por Claude Lèvi-Strauss [23] e sua influência na metodologia do estudo dos textos relacionados. Um mitema seria uma unidade de significado que relaciona estruturas temáticas existentes em um determinado mito [24]. O pensamento mítico mostra um trabalho de composição que usa meios de um plano ou estrutura técnica preconcebida. Uma espécie de bricolagem [25] intelectual.

Pode-se dizer que o tanto o cientista como o artesão da bricolagem estão a espreita de mensagens que para o "bricoleur", são mensagens pré-transmitidas e colecionadas como códigos que permitem enfrentar situações novas; o homem de ciência antecipa sempre uma "outra" mensagem, que se espera nova e arrancada de interlocutores e sua ambiência.

O mais interessante no pensamento dos mitemas é o abandono de toda a referência a um centro,, um sujeito, um contexto específico ou uma origem absoluta. O discurso das estruturas acêntricas dos mitos não tem um sujeito ou centro absoluto. o mito de referência (o texto tutor) não deriva unicamente de uma posição central, mas de sua posição irregular no interior do

emaranhado de fragmentos que se interconectam:

" O Mito e a obra musical aparecem como maestros cujo auditores são os silenciosos executantes. Se nos perguntarem onde se encontra o foco real da obra, será preciso responder que é impossível sua determinação. A música e a mitologia confrontam o homem com objetos virtuais cuja sombra somente é atual...." [26]

O conjunto de mitos de uma população pertence a sua ordem do discurso. Uma estrutura de mitemas corresponde a um conjunto de textos acêntricos que formam virtualmente uma rede em hipertexto onde a crua informação neles contida transforma-se quando cozida em conhecimento.

Um estudo em andamento sobre a estrutura de hipertextos

No estudo da informação, como precursora de uma intenção de conhecimento no indivíduo e na sua realidade, podemos nos deparar com um acontecimento significativo, que é a análise de uma estrutura de informação, como uma base de inscrições significantes.

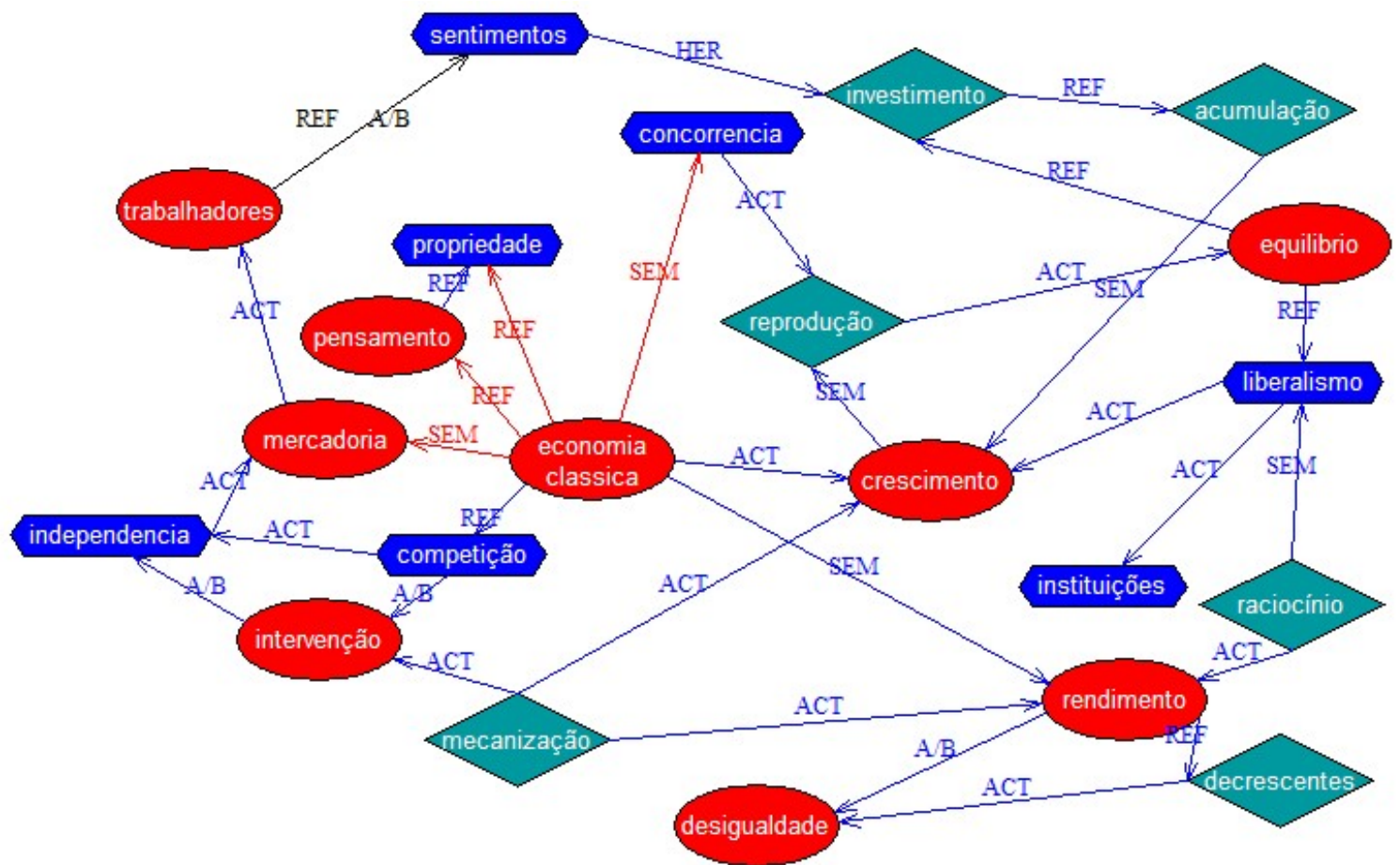
A estrutura de informação foi considerada como qualquer inscrição de informação em uma base que a aceita como tal; a estrutura é então pensada como sendo um conjunto de elementos que formam um todo ordenado e com princípios lógicos. Assim, trabalhamos com o pressuposto de que, uma estrutura de informação textual, um texto de informação, possui características de linguagem que admite, análises morfológicas, permitindo extrair indicações para decisões estratégicas na sua gestão e distribuição adequada. Consideramos um texto ou um hipertexto como um elemento passível de ser objeto dos instrumentos de análise da linguagem natural por computador; uma metodologia onde a partir dos elementos morfológicos do texto se pode construir um arcabouço de conformações para indicações sobre a relevância e o conteúdo dos textos eletronicamente entrelaçados.

A proposta do estudo que realizamos no momento consiste em examinar como um hipertexto se relaciona com seus elos em diferentes linguagens e configurações estruturais a partir de elementos da análise do texto e de suas relações com os demais textos entrelaçados; Seria importante construir um arcabouço de conhecimento pela análise teórica e prática da trama dos textos vinculados em um hipertexto; verificar as relações cognitivas no processo de apropriação pelo receptor, de documentos eletrônicos acêntricos e com convergência digital de suas linguagens.

Procuramos [27] olhar inicialmente o conteúdo do *documento tutor* e os documentos paralelos relacionados em um hipertexto, para verificar se em uma contagem das palavras destes conjunto de documentos haveria uma semelhança conteúdo. Verificamos não haver qualquer semelhança nesta análise das palavras mais freqüentes deste conjunto. Constatamos, contudo, que as palavras mais freqüentes dos diferentes elos de um hipertexto interatuam positivamente em suas relações quando consideradas em conjunto em um mapa conceitual.

Existe uma clara ligação entre palavras de diferentes níveis hipertextuais e que podem ser qualitativamente conectadas utilizando a estrutura de **lexias** apresentada por Barthes e listadas no *quadro 1* deste trabalho. A *figura 2*, abaixo, mostra esta vinculação para um Hipertexto de Economia Clássica [28] não é ainda uma estudo finalizado, mas um produto da pesquisa em andamento. Um olhar apressado mostrará que as relações podem ser realizadas, também, em outras direções; preferimos nos ater , agora, aos significados do tema do hipertexto.

Figura 2 – Mapa Conceitual de Textos Interligados



Na figura 2 cada forma geométrica onde estão inscritas as palavras, representa um nível de documento hipertexto saindo do documento tutor [29] representado pela forma de elipses em vermelho. O software de construção nos fornece extensa informação técnica sobre as palavras e o seu relacionamento.

A pesquisa a que relatamos procura condições de estabelecer uma base teórica sobre o processamento computacional do português como linguagem natural aplicada em documentos eletrônicos que se relacionam. E do nosso interesse desenvolver e documentar softwares de análise e estudar a viabilidade de sua aplicação em análises em linguagem natural. É importante averiguar a procedência e a permanência destes estudos como um instrumento de tecnologia da informação, que poderá ser incorporado ao conjunto teórico já existente na ciência da informação com vistas a expandir e modernizar um conjunto já sedimentado;

É intenção da pesquisa, enfim, facilitar a interação entre um receptor e os documentos eletrônicos em estoques de informação, pois é grande o desconhecimento sobre o hipertexto e sua influência nas condições cognitivas do receptor; são desconhecidas as configurações de tempo e o esforço mental de um receptor ao processar para apropriação um texto não linear, acêntrico, fragmentado e com grau de heterogeneidade na sua formação. Devido à alta exposição à informação, a que todos estamos sujeitos atualmente, este estresse cognitivo é muito grande e todos os instrumentos para sua redução representam uma eficiência comunicacional.

Notas e Referências Bibliográficas

- [1] Verba Volant, *scripta manent*
- [2] Do poema "Ao Braço do Mesmo Menino Jesus Quando Aparece"

[3] Ted Nelson é apontado como tendo cunhado o termo hipertexto e Xanadu ® e considerado o precursor da web. Nelson teve influencia e cita em seus trabalhos Vannevar Bush e Paul Otlet. Ver em:

<<http://www.tfh-berlin.de/~weberwu/ds/TedNelson.html>>

<<http://www.callnetuk.com/home/billkennelly/who.htm>>

<<http://www.scope.at/program/speakers/nelson.html>>

[4] A História da Web na Web

<<http://www-personal.umich.edu/~mattkaz/history/index.html>> ,

As We May Think by Vannevar Bush

<<http://www.theatlantic.com/unbound/flashbks/computer/bushf.htm>>

[5] Rayward, W.B.. **The case of Paul Otlet, pioneer of information science, internationalist, visionary**: reflections on biography , Journal of Librarianship and Information Science, 23(September 1991):135-145.

<http://alexia.lis.uiuc.edu/~wrayward/otlet/PAUL_OTLET_REFLECTIONS_ON_BIOG.HTM>

[6] Bush, V.. **As We May Think**. The Atlantic Monthly, July 1945 V 176, N. 1; 101-108.

[7] Johnson, S. **A Cultura da Interface**, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2001.

[8] Barthes, R. . **O Rumor da Língua**, Edições 70 , Lisboa, 1987.

[9] Nietzsche, F.W.. **Basic Writings**, Modern Library, 1ª Edição, 1996.

[10] Fraseado inspirado em *Caminante, no hay camino*, poema de Antonio Machado, poeta Sevilhano [1875-1939, em seu *livro Soledades, Galerias y outros Poemas*

[11] Barthes, R.. **S/Z**, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro 1992.

[12] Este parágrafo foi basicamente editado do texto de Barthes (1992) acima indicado.

[13] Derrida, J.. **A escritura e a Diferença**, Editora Perspectiva, 2ª edição , São Paulo , 1995.

[14] Derrida J.. **Gramatologia**. São Paulo, Perspectiva, 1973.

[15] Derrida, J. . **A Escritura e a Diferença**. Perspectiva, São Paulo, 1995.

[16] Derrida, J.. **Papel Máquina**, Estação Liberdade, São Paulo, 2004.

[17] Foucault, M.. **A Arqueologia do Saber**, 4 edição, [As realidades Discursivas], Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1995.

[18] Foucault M.. **As Palavras e as Coisas**. 8ª edição Martins Fontes, São Paulo,1999.

[19] Substituímos a palavra *coisas* no original por *textos*, considerando que está é uma construção teórica por adaptação que estamos propondo para explicação do nosso objeto. Contudo devo assinalar que esta parte do texto foi quase uma transposição do texto de Foucault.

[20] conveniente: o que é apropriado, oportuno, traz vantagem; útil, proveitoso, vantajoso .

[21] emulação: sentimento que leva a uma coisa a tentar igualar-se ou superar outra coisa; uma concorrência em sentido moralmente sadio, sem sentimentos baixos ou violência.

[22] analogia: relação ou semelhança entre coisas ou fatos; identidade de relação entre pares de coisas dessemelhantes, por processo efetuado através da passagem de asserções facilmente verificáveis para outras de difícil constatação, realizando uma extensão ou generalização probabilística do conhecimento.

[23] Lèvi-Strauss,C. **O Pensamento Selvagem**. 3ª edição, Papirus, Campinas, 1989.

[24] Mito: relato fantástico de tradição oral, protagonizado por seres que encarnam, sob forma simbólica, as forças da natureza e os aspectos gerais da condição humana; construção mental de algo idealizado, sem comprovação prática.

[25] Bricolagem: trabalho que se executa usando meios e expedientes sem um plano preconcebido e que, se afastam dos processos e normas adotados pela técnica. Caracteriza o trabalho de bricolagem o fato de se trabalhar com insumos fragmentados já elaborados, já existentes.

[26] Lèvi-Strauss, C.. **O Cru e o Cozido**. Abertura. Brasiliense, São Paulo, 1991.

[27] Foi utilizado nesta análise dois softwares principais: 1) o PROTEXTO elaborado especificamente para esta pesquisa e que permite uma série de análises da estrutura de um texto e o AXOM 2005 que permite trabalhar com a construção de mapas conceituais e com toda uma configuração de suas relações.

[28] O hipertexto está em: <http://www.economiabr.net/economia/1_hpe4.html>

[29] Texto ou documento tutor: termo usado para indicar o documento índice do hipertexto, o documento de onde partem os demais textos.

Sobre o autor / About the Author:

Aldo de Albuquerque Barreto
aldoibct@alternex.com.br

Pesquisador Titular do MCT/Ibict